

Assaltavam casais de namorados e levavam "troféus" femininos

Grupo preso pela PJ de Lisboa ameaçava vítimas com caçadeira e levava tudo o que tinham

Quatro indivíduos sem cadastro, com idades entre os 17 e os 31 anos, foram antontem detidos pelos investigadores da Direcção de Lisboa da Polícia Judiciária, por suspeita de terem cometido pelo menos seis assaltos à mão armada.

Além de armas de fogo e objectos vários usados nos roubos, as buscas às casas dos suspeitos permitiram ainda encontrar "troféus" que guardavam dos assaltos: dez peças de roupa interior feminina que haviam sido tiradas às vítimas apenas para os indivíduos satisfazerem as suas perversões pessoais.

Presentes ao Tribunal de Instrução Criminal, para primeiro interrogatório judicial, ainda não eram conhecidas, ao final da tarde de ontem, as medidas de coacção que lhes haviam sido aplicadas. Este grupo atacaria nas zonas de Azambuja, Sinta e Cabo da Roca, tendo os seis assaltos já registados sido cometidos nos

passados meses de Outubro e Novembro.

O grupo terá começado inicialmente por dedicar-se a espreitar casais de namorados, tendo depois passado para a fase seguinte: assaltos. Recentemente, decidiram ir mais longe nos seus intentos e começaram a atacá-los. Com bastões ou outros objectos, como pés de cabra, partiam-lhes os vidros dos carros, furavam pneus e roubavam-lhes tudo o que tinham. Depois, obrigavam a mulher a despir uma peça de roupa interior, que levavam para casa. Para evitar serem descobertos, actuavam sempre de cara tapada e usavam luvas. O que de nada lhes terá valido, já que rapidamente foram identificados e presos.

A PJ de Lisboa apreendeu-lhes então muitos dos objectos que levaram dos assaltos, designadamente telemóveis e CD. Foram também encontradas, nas buscas domiciliárias, duas caçadeiras usadas para intimidar as vítimas, bem como gorrões com orifícios para os olhos, luvas, bastões e um pé de cabra. As investigações policiais prosseguem para apurar se os indivíduos estiveram envolvidos noutros crimes do género. ■ T.L.



Desalojados queixam-se que não tiveram alternativa, câmara alega não saber dos menores

FAMÍLIA POSTA NA RUA POR 52 EUROS DE RENDAS EM ATRASO

Desde terça-feira que um casal e três filhos menores vivem à porta de casa, em Odivelas, entre mobílias e electrodomésticos. Por Catarina Serra Lopes

São 17h00 e no concelho de Odivelas, lá no alto da freguesia de Famões, pela Quinta das Pretas, a noite cai e com ela um frio cortante. Manuel Potes levanta as golas do casaco, Francelina Bouça, a mulher, esfrega as mãos para aquecer e a pequena Inês Sofia, de 7 anos de idade, logo imita o gesto. Espera-se mais uma noite fria de Inverno e Manuel e a família preparam-se para mais uma noite fora de casa. A segunda que enfrentam ao frio depois de terça-feira terem acordado de sobressalto com os funcionários da autarquia de Odivelas a ordenarem-lhes que saíssem de casa. No momento. Sem alternativa. "Tudo por não se terem pago as rendas dos últimos dois anos, 52 euros no total", segundo conta Francelina Bouça, nariz vermelho do vento e olhos húmidos. "Eram cerca de vinte polícias e alguns homens de uma empresa de mudanças, começaram a tirar tudo o que tínhamos em casa e a despejar para o meio da rua, quando demos por nós, não havia qualquer alternativa a não ser sairmos também e ficarmos à porta de casa." Abrigados por uma roulete a cair aos bocados "favor de um vizinho amigo", junto ao recheio da casa, es-

palhado pela rua, tapado por plásticos e cortões.

Ao cair da noite lá estão os cinco, sentados nuns bancos pequeninos, batendo com os pés no chão para espantar o frio. Lado a lado, Manuel Potes, desempregado, Francelina Bouça, sua companheira desde há um ano, e os três filhos desta — Filipe André, de 17 anos, Andreia Patricia, de 13, e Inês Sofia, de 7. "Quase 8", segundo rectifica a pequenita, logo de imediato. "Sim, quase oito", confirma a mãe, enquanto abana a cabeça. "Faz oito daqui a três dias, coitadinha, vai fazer anos no meio da rua."

Todas as histórias têm um início e o desta remonta há 30 anos, altura em que Manuel Potes então ainda criança veio viver com os pais e os irmãos para a casa de onde agora salta à força. A vida correu-lhe de feição até 1993, altura em que os pais morreram, os irmãos partiram para outras paragens e Manuel Potes ficou sozinho na casa de família. Desempregado "muitas vezes" e trabalhador de biscates de ocasião, fez a vida à medida do dinheiro que foi aparecendo, "e deixando algumas rendas para trás". Até ao dia, já lá vão alguns anos, em que depois de 12 meses sem

pagar a mensalidade da casa, chegou à Câmara de Odivelas para pôr as contas em dia. Só que o informaram que "não valia a pena pagar nada, pois já estava um processo a correr em tribunal".

A partir dessa altura foi só o tempo passar. Manuel conhece Francelina, empregada num armazém e deixa de viver sozinho, a casa volta a ser uma casa de família, com crianças, mobília e um frigorífico grande. Até Outubro último, quando lhes batem à porta com uma ordem de despejo do tribunal. Manuel e família aproveitaram um momento de distração e barricaram-se em casa. "com muitos móveis a tapar a porta", segundo recorda Francelina.

"Os senhores tiveram então pena de nós, viram que estávamos com crianças e resolveram ir-se embora e deixarem-nos em paz." Uma paz que não duraria para sempre. "Nunca pensámos é que acabasse nesta altura, a 15 dias do Natal e com tanto frio", segundo confessa Manuel, de ar consternado. "Se é pelos 52 euros em atraso, nós damos o dinheiro, já o tentámos por várias vezes, não nos deixem é a dormir ao frio com três crianças", remata Francelina numa súplica. ■

Autarquia garante que agiu de boa-fé

A Câmara de Odivelas afirma em comunicado que o despejo de Manuel Potes surge como consequência não só das rendas em atraso, mas também de "um constante desinteresse manifestado pelo município" em relação ao processo que decorria em tribunal, já que "nunca respondeu às diversas notificações". Quanto às crianças que vivem consigo e que também se encontram actualmente na rua, a câmara responde, por sua vez, que nunca foi informada que o referido morador viveria em união de facto e que teria três menores a habitar

consigo. O comunicado refere que ainda no dia 11 de Novembro último, a câmara contactou Manuel Joaquim "com objectivo de saber se já teria sido feita alguma diligência para encontrar uma solução para o seu problema", mas este "respondeu nada ter feito". Face a isto, a autarquia termina por concluir que "a situação em apreço revela, claramente, todo o esforço desenvolvido por este município ao longo do tempo, esforço revelador da boa-fé da câmara municipal e do total desinteresse do município". C.S.L.

HEMEROTECA FECHADA NAS PRÓXIMAS SEMANAS

A Hemeroteca de Lisboa, a segunda maior biblioteca de publicações periódicas do país, continuará fechada nas próximas semanas, até que sejam feitas pequenas obras e dali sejam retiradas algumas centenas de quilos de jornais e revistas, de modo a afastar o perigo de derrocada do edifício.

Uma vistoria dos Sapadores Bombeiros efectuada esta semana dava conta desse risco, tendo uma peritagem posterior realizada ontem afastado, no entanto, o cenário de iminência de ruína. Mas foi decidido que o acervo que sobrecarrega a parte central do primeiro andar do degradado Palácio Marquês de Tomar, no Bairro Alto, teria de sair do edifício, por razões de segurança. As obras consistirão na reparação dos estuques em que surgiram fendas mais profundas, não estando excluída a hipótese de colocação de vigas nas zonas mais problemáticas do imóvel, explicou o director da Hemeroteca de Lisboa, Alvaro Matos.

Ontem ao final do dia ainda não estava decidido pela Câmara de Lisboa, instituição de que depende a hemeroteca, se seria possível os funcionários continuarem a responder aos pedidos dos leitores, fazendo um atendimento à distância — ou seja, as publicações requeridas seriam enviadas para outras bibliotecas da cidade para serem aí consultadas. O director da hemeroteca mostra-se, contudo, convicto de que os funcionários deveriam poder continuar a trabalhar nalguns sectores do palácio, uma vez que a interdição de acesso só abrangia algumas zonas. Alvaro Matos disse que os frequentadores da hemeroteca se mostraram ontem — para sua surpresa — "muito compreensivos" em relação ao encerramento, até porque a biblioteca optou por os informar do sucedido através dos funcionários, em vez de fechar a porta e colar lá um aviso. Ontem mesmo os pedidos de fotocópias pendentes "foram todos despatchados".

"Nalguns sectores continuámos a trabalhar", explicou. Seja como for, "factores externos, como escavações muito profundas num edifício vizinho, poderão causar problemas graves ao edifício". Com uma média de 130 a 140 utilizadores por dia, a hemeroteca já devia ter mudado de instalações em Outubro. Dificuldades de várias ordens no edifício para onde vai ser transferida, a antiga sede do jornal Record, na Rua da Atalaia, também no Bairro Alto, fazem com que a mudança vá sofrer um atraso de pelo menos por um ano. ■ A.H.

Misericórdia abre novo centro de formação em Lisboa

Equipamento visado combater insucesso escolar e criar saídas profissionais

Foi antontem inaugurado, em Benfica, o Centro Multicultural de Formação, onde a partir de agora funcionará o Programa de Promoção Social dos Ciganos (PPSC), da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, até agora disperso por vários edifícios em Lisboa.

As novas instalações, cedidas pela câmara, são constituídas por salas de formação profissional, onde decorrem cursos de cozinha, pastelaria/panificação, carpintaria e costura/modista, bem como salas de aulas dos primeiros, segundo e terceiro ciclos, ao abrigo de um acordo com o Ministério da Educação.

O PPSC, que já existe há cerca de 20 anos, pretende, de acordo com Rui Cunha, provedor da Misericórdia de Lisboa, ser uma resposta para jovens que abandonam a escola, sem qualquer especialização, não sendo unicamente direccionado para alunos de origem cigana, ao contrário do que o nome pode fazer crer.

Este programa, segundo a Santa Casa, permite que os jovens possam frequentar percursos formativos com qualificações profissionais, tendo sempre em consideração as qualificações de base de cada formando, a especificidade étnica e cultural e o carácter individual da sua formação, do seu desenvolvimento cognitivo e apreensão de saberes.

Visando a inserção de minorias étnicas, essencialmente cigana e africana, os jovens podem inscrever-se neste programa através do atendimento social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa ou serem recomendados por escolas, Tribunal de Menores, comissões de protecção de crianças e jovens ou qualquer outra instituição.

As novas salas estão todas equipadas com o que de mais recente existe nas áreas de carpintaria, marcenaria, costura, cozinha e pastelaria e têm capacidade para 100 formandos. Cada jovem que frequenta este programa recebe uma bolsa de formação e encontra saída profissional após ser certificado, graças a protocolos estabelecidos com várias empresas onde posteriormente fazem um estágio. ■ A.M.